

VERGONHA HONRA LUXO

Vatel viveu entre a aristocracia e morreu por sua honra, mas não era nobre. Maître d'hôtel do Grand Condé, em 1671 foi responsável pela recepção que Condé ofereceu a Luís XIV em Chantilly. Madame de Sévigné celebrizou sua história: os peixes que encomendara para o jantar não chegaram a tempo, Vatel fez-se transpassar por sua espada. Suicidou-se por vergonha.

Sua história é a da preferência de uma morte honrosa a uma vida comezinha. Indica que uma pessoa pode ter em conta algo mais que a sobrevivência, os valores do cotidiano. Kant apontou para a mesma direção quando declarou que não há ciência da coisa-em-si: há algo além daquilo que é possível ao ser humano localizar.

Pascal permite extrair disso um aspecto peculiar. Para ele, a morte não apenas põe o homem em face da fragilidade da vida natural, como de sua vanidade. Por isso, propõe a aposta na existência de um valor maior que a mera sobrevivência.

O adolescente que pratica esportes radicais – o alpinista, por exemplo, no risco de vida a que se expõe – refaz a aposta de Pascal. Diante da morte, ele inventa o que a razão não garante: o Outro, uma via pela linguagem para fazer valer sua vida, diante do sem-sentido da morte biológica. O alpinista cria assim seu “cartão de visitas” e recupera nele, portanto, o *ser-para-a-morte*. Diz Lacan: “esse cartão de visita nunca chega a um bom porto, já que, por levar o endereço da morte, é preciso que esse cartão seja rasgado” (Seminário XVII, *O Averso da Psicanálise*, p. 172).

A honra, afinal, muda o sentido da vida. É essa a constatação com que Forbes dá início à sessão no encontro impossível entre Vatel, Kant, Pascal e o alpinista.

PRIMUM VIVERE

Oposto à honra é o princípio *primum vivere*: ‘antes de tudo, salvar a pele’. Quem vive dessa maneira é *chato*, diz Forbes, em um sentido psicanalítico. É o homem moderno de que Lacan falou em 1953, no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”: “o eu do homem moderno adquiriu sua forma, como indicamos em outro ponto, no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser na desordem que ela denuncia no mundo” (*Escritos*, p. 283). A bela alma, esclarece Forbes, é uma figura hegeliana que expõe a indiferença histórica de ignorar sua participação no que, diz ela, a insatisfaz.

Segue com Lacan, no mesmo parágrafo:

“Mas uma saída se oferece ao sujeito para a resolução desse impasse em que ele delira seu discurso. A comunicação pode se estabelecer para ele, validamente, na obra comum da ciência e nas utilizações que ela ordena na civilização universal; essa comunicação será efetiva no interior da enorme objetivação constituída por essa ciência e lhe permitirá esquecer sua subjetividade”.

É o que a revista *Época* propõe aos seus leitores essa semana, quando sugere já ter sido encontrada a cura da depressão: basta que os médicos acertem a dosagem dos remédios existentes. Assim, aquele sujeito:

“colaborará eficazmente com a obra comum em seu trabalho cotidiano e povoará seu lazer com todos os encantos de uma cultura profusa que, do romance policial às memórias históricas, das conferências educativas à ortopedia das